

14º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2023

A IMPRENSA E O VOTO DAS MULHERES: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DO SUFRÁGIO FEMININO PRESENTES NOS PERIÓDICOS O ESTADO DE SÃO PAULO E O MALHO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

STEFANNY DINIZ BELLOTI¹, FLÁVIA PRETO DE GODOY OLIVEIRA²

¹ Estudante do curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Câmpus Jacareí, hemlock.hele@gmail.com

² Doutora em História Social, professora do IFSP, Câmpus Jacareí, flavia.godoy@ifsp.edu.br
Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.05.05.03-9 História do Brasil República

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma pesquisa de iniciação científica, ainda em desenvolvimento, sobre as representações do sufrágio feminino na imprensa brasileira durante o início do século XX. Partindo da análise de publicações realizadas pelos jornais *O Estado de São Paulo* e *O Malho*, buscou-se entender as principais concepções e notícias atreladas ao sufrágio feminino, ao movimento feminista e à mulher no período. O recorte temporal selecionado abrange os anos de 1910 até 1932, momento de efervescência das discussões a respeito do voto feminino até o ano de sua conquista pelas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: História das Mulheres; Sufragismo; Imprensa; Brasil Republicano.

MEDIA AND WOMEN'S VOTE: ANALYSIS OF REPRESENTATIONS OF WOMAN SUFFRAGE IN THE JOURNALS O ESTADO DE SÃO PAULO AND O MALHO AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY

ABSTRACT: This work intends to present the partial results of a research about woman suffrage in the Brazilian media at the beginning of the 20th century. Through the analysis of articles present in the journals *O Estado de São Paulo* and *O Malho*, we sought to understand the main concepts and news related to women's suffrage, feminism and women in the period. Editions between 1910 to 1932 were analyzed, due to the effervescence of discussions about female suffrage on the eve of its conquest by women.

KEYWORDS: Women's History; Suffragism; Press; Brazil Republic.

INTRODUÇÃO

Embora o voto feminino desempenhe um papel fundamental nas disputas eleitorais, os resultados das eleições recentes (outubro de 2022) evidenciam a clara falta de representatividade das mulheres na política brasileira. Apenas 302 mulheres foram eleitas para cargos no Senado, Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e governos estaduais, em comparação com os 1.346 homens

eleitos para as mesmas posições, incluindo a presidência da República (CNN, 2022). Esses números contrastam com a proporção de mulheres na população e no eleitorado brasileiro, já que cerca de 52% do eleitorado é composto por elas (segundo dados do PNAD do IBGE). Compreender a importância do voto feminino e a falta de representação política requer revisar os processos históricos que levaram à conquista dos direitos políticos pelas mulheres.

Sendo assim, o presente projeto, uma expansão e continuação de uma pesquisa iniciada em meados de 2022, busca reconstruir parte da memória relacionada à conquista do direito ao voto pelas mulheres. Por meio da análise e comparação dos artigos publicados nos periódicos *O Estado de São Paulo* e *O Malho*, buscamos identificar as principais ideias e notícias relacionadas ao sufrágio feminino, as representações do movimento feminista no Brasil e das mulheres em geral no início do século XX pela imprensa. É importante frisar que a pesquisa está em desenvolvimento, pretendemos analisar também a *Revista Feminina* e os limites do feminismo sufragista naquele período, analisando grupos de mulheres e reivindicações silenciadas, já que as necessidades de mulheres brancas e abastadas não eram as mesmas de mulheres trabalhadoras, pobres e negras, que tiveram mais dificuldade de serem ouvidas e de conquistarem seus direitos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para realização da pesquisa foram analisados periódicos que circularam durante o século XX contendo diferentes abordagens, perspectivas e públicos. O primeiro deles, *O Estado de São Paulo*, foi um veículo importante na divulgação dos debates públicos após a Proclamação da República. Realizamos a prospecção do material analisado por meio do acervo disponibilizado de forma online pelo jornal. Examinamos o período de 1910 a 1932, isto é, as décadas que antecederam a conquista do voto feminino. Por meio da ferramenta de busca foram pesquisados os termos “Voto Feminino” e “Sufrágio Feminino”, obtendo os seguintes resultados:

Expressão Pesquisada	Resultados
Voto Feminino	54 excertos
Sufrágio Feminino	28 excertos

TABELA 1: Resultados adquiridos através da prospecção do acervo online do jornal *O Estado de São Paulo*.

A segunda fonte analisada se trata do periódico *O Malho*. Fundado em 1902, *O Malho* era uma revista ilustrada de crítica e sátira política por meio de charges e textos de diferentes colunistas. Ainda que focalizasse questões políticas, outras pautas como aspectos sociais e de costumes também foram objetos de crítica por meio de textos e caricaturas. Utilizando a base online da Hemeroteca da Biblioteca Nacional para sua prospecção e mantendo o recorte temporal anterior, foram obtidos os seguintes resultados:

Expressão Pesquisada	Resultados
Voto Feminino	32 excertos
Sufrágio Feminino	4 excertos

TABELA 2: Resultados adquiridos através da prospecção do periódico *O Malho*.

A prioridade concedida para essas duas expressões se dá pelo caráter qualitativo da pesquisa, visto que a partir de um refinamento da investigação, foram obtidas amostras mais relevantes e determinadas do conteúdo central. Portanto, nossa metodologia buscou combinar uma prospecção de cunho quantitativo (segmentando publicações a respeito do voto feminino) e uma análise qualitativa

das fontes, procurando entender os métodos utilizados por essas mídias para representar os papéis de gênero, o movimento sufragista e o próprio feminismo, além de estabelecer semelhanças e divergências entre as opiniões defendidas por esses veículos, na tentativa de apontar quem eram as pessoas que escreviam, quais eram seus públicos alvo e quais as reverberações de suas publicações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise das fontes, tornou-se evidente o papel fundamental que a mídia impressa possuiu na divulgação de percepções, imagens e opiniões sobre o movimento sufragista no início do século XX. Jornais e revistas tendiam a seguir uma perspectiva conservadora e cheia de estereótipos do voto feminino, dispondo de argumentos ligados à inaptidão biológica e racional da mulher, bem como à ameaça à família e à ordem tradicional. Em paralelo, o sufrágio feminino internacional foi tomado como um “mal feminismo”, fazendo com que as feministas nacionais aderissem estratégias para desconstruir essa imagem por meio de entrevistas e publicidades, por exemplo.

Parte importante desses debates, o jornal *O Estado de São Paulo* vinculou-se aos ideais conservadores e liberais, embora, ao tratar do voto feminino, houvesse a tentativa de imparcialidade em suas linhas. Seus posicionamentos podem ser classificados em dois tipos. O primeiro deles, sempre promovendo a prevalência dos bons costumes, apoia em certas ocasiões um feminismo “bem comportado”, reproduzindo falas de homens intelectuais, elitizados e importantes na esfera nacional (em certos casos, internacionais) que apoiam uma participação mínima e comportada da mulher na política. Pode-se ter como exemplo a publicação do dia 05 de novembro de 1927, na qual o deputado Augusto de Lima fala de forma positiva da conquista do voto feminino no Rio Grande do Norte.

O segundo tipo é contra o envolvimento feminino no mundo público e político de forma íntegra, já que elas possuiriam uma inclinação natural para o sentimentalismo e a falta de racionalidade, além de o periódico considerar a política um espaço desorganizado e agressivo, algo que não se associaria com a bondade das mulheres. É possível perceber isso em um artigo publicado em 17 de julho de 1913, após a morte de Emily Davison, uma sufragista encarada pelo periódico como representante de um “mau feminismo”. O autor da matéria desmereceu a luta pelo direito do voto feminino, ridicularizando a atitude de ela se jogar no cavalo do então rei da Inglaterra e afirmou que a presença de mulheres na política é desnecessária.

A diferença entre essas publicações mostra as tentativas de uma possível imparcialidade do jornal, pois ao abordar duas visões diferentes, não assume uma postura definitiva sobre o assunto. Entretanto, em ambas as publicações, é possível perceber os limites desse posicionamento, já que o jornal demonstra que apoiava a causa feminista desde que não fosse radical e progressista. Sendo assim, por quais motivos o periódico tentou abordar os debates de forma ambígua?

De acordo com a historiografia (Hahner, 1981 e Karawejczyk, 2013), no início do século XX, as lutas em prol do sufrágio feminino abarcavam mulheres pertencentes às camadas sociais elitizadas economicamente, intelectualmente e socialmente do país, como era por exemplo a famosa Bertha Lutz. Sendo assim, acreditamos que o jornal *O Estado de São Paulo* foi compelido à indefinição em relação aos seus posicionamentos, pois parte significativa de seus leitores se encontrava em esferas médias e altas, além do número de leitoras que passaram a se tornar defensoras do voto feminino. Entretanto, o periódico não abandonou de fato sua tendência conservadora, e suas publicações a respeito do tema ajudaram a reforçar uma visão reacionária dos papéis de gênero na sociedade, além de acentuar os possíveis problemas que o sufrágio feminino traria para a política.

Enquanto isso, quais os posicionamentos da revista *O Malho* durante essas discussões?

Ao longo dos debates a respeito do voto feminino, a revista teve, em geral, quatro tipos de pareceres. O primeiro deles, assim como o jornal *O Estado de São Paulo*, fez uma tentativa de ambiguidade, como é possível perceber na edição 1319 (24/12/1927) que possuía um artigo sobre o tema cujo autor afirma não ser nem contra nem a favor do voto feminino, pois por preguiça e comodismo não se informou suficientemente sobre o assunto. Entretanto, ao fazer esse parecer aparentemente neutro, o periódico revela o desinteresse em relação ao sufrágio feminino e ao próprio movimento feminista, colocando a temática como um tópico menor, o que acabou favorecendo a perpetuação do senso comum e do imaginário em torno daquilo que cabia à mulher.

O segundo tipo de publicação criticava os contrários ao voto feminino, tendo como um dos exemplos a charge, reproduzida a seguir (figura 1), que satiriza a hipocrisia recorrente ao longo da história, uma vez que os espaços que conferiam poder à mulher eram negados, aqueles que reforçavam a submissão e a exploração eram permitidos. No entanto, a crítica não necessariamente vinha como apoio à causa sufragista, mas como um meio de ridicularizar a hipocrisia da classe política.



FIGURA 1: Charge publicada pelo periódico *O Malho* em 16 de junho de 1928.

O terceiro tipo de representação evidenciada na revista *O Malho* seria favorável ao sufrágio feminino, apontando seus benefícios. No entanto, esse apoio estava alicerçado em estereótipos tradicionais sobre as características femininas, é o que demonstra o artigo publicado na edição de 24 de dezembro de 1927, em que se enfatizavam a bondade e realeza das mulheres em contraponto às más ações masculinas.

Contudo, assim como o jornal *O Estado de São Paulo*, existia um certo desejo de preservação da ordem, sendo o voto feminino um possível incômodo ao tradicional estilo de vida brasileiro, como é possível ver na seguinte charge:



FIGURA 2: Charge publicada pelo periódico *O Malho* em 23 de junho de 1917.

A ideia de subversão dos papéis sociais, instauração do caos e perda de privilégios masculinos era um cenário presente no imaginário da população, e ao fazer uma publicação que reforça essa visão do sufrágio feminino e do próprio feminino, *O Malho* também atesta certa influência na visão negativa sobre a participação da mulher da política.

Por meio dos vários tipos de visões abordados na revista, podemos considerar o posicionamento de *O Malho* também ambíguo a respeito do voto feminino. Porém, sendo escrita por homens letrados cariocas e lida majoritariamente por homens, a tendência que se observou foi a reprodução de estereótipos em relação aos papéis de gênero atribuídos a mulheres. Novamente, quais os motivos para uma tentativa de ambiguidade em relação ao tema?

A hipótese que formulamos pode indicar uma estratégia editorial – uma vez que a revista tinha como principal temática a política, sendo seus atores ridicularizados – e também a percepção de uma fragmentação das opiniões a respeito do direito ao voto por parte das mulheres, visto que o movimento

sufragista crescia e passava a ter como aliados importantes figuras do cenário político institucional brasileiro, divisão de posturas que também poderia ser observada entre seus leitores.

CONCLUSÕES

Os resultados parciais apresentados têm como objetivo refletir sobre como a mídia impactou nas continuidades e nas rupturas das representações do papel da mulher na política. O voto foi uma das muitas lutas empreendidas por elas, possivelmente a mais documentada pela mídia em razão da origem social das participantes. Mulheres de origens étnicas e sociais diversas ocupavam o espaço público, principalmente no mundo do trabalho, e tinham demandas que demoraram décadas para serem atendidas. O estudo das representações do movimento sufragista na mídia brasileira nos lembra que a luta por direitos iguais também se faz no debate estendido e inclusivo sobre as pautas das mulheres.

De forma distinta em seus objetivos, públicos e gêneros textuais/ imagéticos envolvidos, os periódicos estudados apresentaram pontos de convergência, especialmente ao reforçarem os papéis de gênero presentes na sociedade. Além disso, ambos tentaram abordar posicionamentos ambíguos, o que nos indica que o sufrágio feminino se tornou bastante aceito em certos setores da sociedade (Hahner, 1981), assim como o movimento feminista e sufragista em si, através do encabeçamento da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que possuía uma configuração de mulheres pertencentes a espaços respeitados no Brasil.

No entanto, as análises dos periódicos revelam como determinados papéis e imagens foram cristalizados como inerentes às mulheres e como a mídia corroborou para a longevidade dessas representações. O voto pode ter sido um direito obtido em 1932, mas o olhar retrospectivo que podemos fazer hoje nos leva a notar uma resistência em relação a efetivação da participação política feminina, não apenas elegendo representantes, mas também sendo eleitas e fazendo valer suas demandas no palco político – ainda hoje, temas ligados aos direitos das mulheres sofrem resistências dos legisladores e governantes.

Por fim, a presente investigação nos leva a questionar a atual representatividade feminina no espaço da política e como a conquista do espaço da mulher na vida pública e política ainda está em processo.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Os recortes temporais e de fontes da pesquisa foram feitos por F.P.G.O., que também foi responsável pela definição da metodologia empregada nas etapas da pesquisa e a revisão deste trabalho. S.D.B. foi responsável pela pesquisa documental, bem como análise e síntese dos resultados e escrita do trabalho apresentado. Todos os autores escreveram e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Jacaré pela concessão da bolsa de iniciação científica, além de todas as mulheres que um dia lutaram para que outras mulheres pudessem transformar o mundo em um lugar justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. In: **Estudos Avançados**, v. 5, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/?lang=pt>. Acesso em 24 set. 2022.

CNN. Especial Eleições 2022: **Representatividade feminina ainda é baixa na Câmara**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mulheres-aumentam-representacao-na-camara-mas-representatividade-ainda-e-baixa/>. Acesso em 20 out 2022.

HAHNER, June. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KARAWEJCZYK, Monica. **As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850 – 1932)**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em 20 jul, 2022.

O MALHO. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pasta=ano%20192&pesq=>. Acesso em 08 nov, 2022.

RABELO, Ana Maria Prestes. “1922-2022: Cem anos de sufragismo feminino no Brasil”. In: **Revista Princípios**. N. 163, jan. abr., 2022.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar**. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.